

NAS TEIAS DO MUNDO

Sérgio Mattos

Capa e ilustração de Jorge Wilton

Salvador – Bahia

1973

Dedico este livro
a meus pais, minha
mulher e filha.

A POESIA DE SERGIO MATTOS

Pedro Nava, no prefácio que escreveu para o “Poemas Bissexto”, de Fernando da Rocha Peres, dá o significado literal da palavra prefácio que é “discurso preliminar posto no limiar de uma obra para explicar de modo sucinto suas finalidades e intenção com que foi concebida”.

Dentro desse conceito os próprios autores prefaciando suas obras explicavam suas intenções como fizeram desde a antiguidade até o século XIX.

Como Pedro Nava, considero a inutilidade de explicar a poesia, na verdade um poeta não necessita de explicação para a sua obra, o poema como amor é determinado e acontece.

O que precisa mesmo o poeta é apenas lançar a sua mensagem, com o espírito verdadeiramente da poesia, como está fazendo Sérgio Mattos em seu livro “Nas Teias do Mundo”.

Os seus belos poemas refletem o mundo próprio do poeta e as teias são urdidas com os fios de um terno lirismo onde a pureza da infância é uma constante de poesia:

**Veza por outra
em sonhos eu sinto
a lembrança da criança
que um dia deixei de ser.**

No poema metáfora número dois evoca o sentido lúdico das primeiras emoções amanhacentes:

**O mundo dos brinquedos
entardeceu no tempo**

Ainda em outros poemas a nostalgia da inocência poética cresce numa afirmação comovedora quando diz:

**Se me fizessem calar
as paralelas linhas da distância
me ensinariam a falar
pois sou criança.**

Outras teias mais fortes de conteúdo emocional se entrecruzam na poesia de Sérgio Mattos quando os temas de amor, despidos da sensualidade vulgar, reforçam a trama de suas teias:

**Minha dor se dilui
e enquanto teus dedos deslizam
em meus cabelos
renasce mais uma estrela infinita.**

Em outros versos um lirismo exaltado como que é proclamado pelo poeta quase num grito de afirmação:

**Andei exclamando paixões
e interrogando amores.**

E nessa exaltação lírica o poeta Sérgio Mattos afirma-se numa atitude intimista, rara em nosso mundo de hoje de tantas preocupações de massa:

**Permaneço disperso, sentindo o teu perfume
e tua presença suspensa nas nuvens da imaginação**

Em muitos dos pequenos poemas, mesmo quando sentenciosos, Sérgio Mattos não abandona o seu temperamento lírico e o seu poema *Rebeldia*, é curiosamente uma violência inconcebível num poeta de tanta mansidão:

**Despedacei uma rosa
e me deitei de costas para a lua...**

O título do poema e as reticências confirmam a atitude poética de valorizar ainda que, com uma vaga ironia, dois dos maiores lugares comuns da eterna poesia lírica, a rosa e a lua.

Sem os hermetismo tão em moda, os poemas de Sérgio Mattos, construídos com a boa matéria da palavra clara e valorizada, repito, não necessitam de prefácio. Simples apresentação dos seus versos é o que de melhor posso fazer e o único prefácio que me permitiria por convicção e também pela certeza de que somente a vivência do poeta mais velho, e só por isso, me foi solicitada a honrosa missão de apresentar um novo poeta, o que faço com muita alegria e com uma SAUDAÇÃO.

CARLOS EDUARDO DA ROCHA

NAS TEIAS DO MUNDO

A um só tempo
tornei meus vícios impotentes
e cavalguei nas ondas do espaço.
Pisei os ventos para ouvir o primeiro som,
mas as teias da ilusão
tornaram-me indeciso.

(1969)

O TEMPO PASSA

Há pouco tempo,
naquela vila estreita
que o progresso mudou,
existiu uma criança
que nunca mais eu vi.

Criança ativa,
foi crescendo, crescendo,
cresceu.
E um dia partiu...

Veza por outra,
em sonhos eu sinto
a lembrança da criança
que, um dia, deixei de ser...

(1967)

METÁFORA 1

Árvores que crescem
são forças revolucionárias

Alocações de protestos?
– inconformismo... –
é o princípio da dinâmica.

Massa (encefálica) em movimento...
Reação de causa e efeito
Árvores que crescem
dão frutos secretos:
– elásticos e explosivos –

(1968)

INQUIETAÇÃO

Já não existe
noite sem luz
– Tudo está claro

Já não existem
a rua sem movimento
e o movimento nas praias
– Queria ter paz para todos

Já não existem
lágrimas nos olhos
e paz nos corações
– Tenho lágrimas para todos

(1968)

CONCEPÇÃO

O mundo de essências
está nas mãos do poeta

Com as mãos ele articula
o destino de todos os seres...

Porque vivemos
num mundo sem custódias
e o poeta é o vigia do tempo.
(1968)

A UM POETA

a Vinícius de Moraes

Cantando
fez chegar
a meus ouvidos
o sonoro
quebrar do mar.

Era um homem
Um homem
que a tudo descobriu...
– era um poeta –

Com ele andei
na noite sem lua
no dia sem paz
e no mundo sem Deus...

(1968)

METÁFORA 7

O mundo dos brinquedos
entardeceu no tempo

Fechei a janela do dia
e encontrei todo mundo
no meio da noite...

(1969)

SAUDADE

No rosto os restos, às réguas
as pétalas, a vela e o fogo...
Assinalado no peito entristeci
no tempo e no leito espero
prosternado, sonolento, tua volta...

(1969)

RECAÍDA

Sob o real, a água e o vinho
ancorado em membros e mente
permaneço encerrado entre o
céu e o inferno.

E adormecido em lágrimas
fico entre a vida e a morte
quando a paz me faz pensar...

(1969)

O VENTO SOLUÇOU

Embriagado
teu braço
ao mar tocava

Em princípio melancólico
encrespavas as ondas do mar
enquanto secas folhas dançavam

Sumiram os pássaros
e o sol também
- a cidade emudeceu -

Comovido,
o vento começou a soluçar...

(1968)

FORMAS VIVAS

Com vontade estéril,
estavas modulando as sombras
quando de repente...

fecundo:
Transformaste todo
o amanhecer.

– e as formas vivas
começaram a correr –

(1968)

EPISÓDIO Nº 2

Se me fizessem calar,
as paralelas linhas da distância
me ensinariam a falar:
pois sou criança.

(1968)

METÁFORA 6

Em montes distintos
uma vontade lubrificante
nasceu...

O espírito vibrou
O corpo executou

E no ventre - corpo,
a vida em carícias flutuou...

(1968)

LACUNA

Nos fragmentos do espaço
no vento esvoaçante
estão os sentimentos esfarrapados

Inundando a terra ensangüentada,
um testemunho é acorrentado
nos anseios da fertilidade.

E na névoa da madrugada,
os pensamentos revoltados
são sepultados
num orvalho de prata
pelo poeta que palpita
em busca da liberdade...

(1968)

MUNDO DE SOMBRAS

a Genival Freitas

Forjei um mundo de sombras desconexas
onde as flores eram regadas com lágrimas:
A solidão me fez companhia
e juntos afogamos todas as flores...

(1970)

SECA

Cavalguei pesadelos em nuvens brancas
e cantei como cigarra no verão
Andei rios em terra de céu azul,
onde vida - e - morte é sol.

(1970)

SINFONIA DO AMOR

Há pássaros noturnos que cantam
no alto das casas
Há nuvens brancas na noite
no alto dos céus
Há braços e pernas que dançam
sob uma luz de sombras
e um murmúrio de lágrimas:
– a dança do amor é densa

(1970)

DESEJO ANCESTRAL

Desejei ser um fóssil
da criação
chorei larvas
e comi carvão.
Foi tudo ilusão...

(1970)

COMUNICAÇÃO

a Quintino de Carvalho

O mundo fatigado cai numa máquina de jornal
onde uma angústia permanente em busca da verdade
a todos cega: apenas a notícia existe.
Sinto, não vejo, violência, injustiças e explosões...

Triturar o sentimento é uma fórmula
– a comunicação mágica está no corpo
destroçado das manchetes!

(1970)

CHUVA DE VERÃO

Raio
quente.
Chuva
fria.
Trovão
no coração
da amada.
O
raio
regou
regaço
da
amada.
O raio
partiu
pariu
pereceu
de saudades
numa noite
de trovoadas...

(1970)

CÍRCULO VICIOSO

Num círculo de palavras
me feri e num círculo,
ou circo, me refiz.

Rodei, rondei - circulei
entre ditongos e hiatos,
graves e agudos acentos.

Como sempre,
acabei sonhando no
círculo da vida...

(1970)

A ILUSÃO PERTENCEU-ME

A ilusão pertenceu-me em sonhos
e com vontade de herói entrelacei-me
entre as armas de tão bela batalha...
E a incandescente espada perdeu-se
entre espasmos, enquanto
a ilusão flutuava no espaço
e eu agitava o lençol manchado...

(1969)

TUDO QUE FUI

(dedicado aos que não existiram)

Fui desejo onde as peças nadam
sem um compasso marcar.
Fiz de um saco minha morada
e do sangue meu alimento;
da penumbra, minha companheira,
e do coração, um aliado.

Carregaram-me despido da verdade
e quando o sentido despertou:
sem rastro, nexo ou resto - nasci.

(1969)

CONDENADO

Reguei flores
Flores da vida, flores da morte.

Queimei paisagens
e namorei a fumaça...

(1969)

BURGUÊS DESAMPARADO

Ao meu lado as palavras são dardos
que ferem e não matam
O meu sangue sobe às faces
e não desce.
Cheio de tristeza, procuro o silêncio
e na penumbra , ferido e despojado,
tento encontrar a TIGELA DE OURO.

Com a espinha torcida no dorso
espero a aurora com remorso,
pois gostaria de flutuar no espaço
preso a um CORDÃO DE PRATA,
numa cálida noite de lua.

(1969)

REBELDIA

Despedacei uma rosa
e me deitei de costas para a lua...

(1969)

TARDE CHUVOSA

a Raul Sá

Era uma tarde chuvosa
e na vidraça molhada
escrevi um poema...

(1969)

CONFISSÃO

Enamorei-me da imensidão.
O ritmo surdo da vida me embalou

Chorei em versos os meus pecados
e passei de um sonho para outro.

Flutuei no espaço como uma pluma
e fugi para o infinito.

(1970)

QUANDO SINTO

Quando sinto o desencanto, procuro tuas mãos
que trazem o conforto e me fazem palpitar.
Permaneço disperso, sentindo teu perfume
e tua presença, suspensa nas nuvens
da imaginação.

Do papel onde escrevo, tuas curvas tomam formas
e, como sombras, teu corpo nu, eu vejo.
Um sorriso vago enche-me o rosto
e na tentativa de acariciar-te, ouço longe,
muito longe, passos, vozes e o bater da
máquina de escrever.

Teu corpo nu desaparece, enquanto o tempo
volta a agir
e minhas mãos a trabalhar.
Um leve tremor invade-me a alma
e uma complacente esperança
consola-me, porque tenho certeza
de ao chegar em casa, sobre a cama,
encontrar teu corpo quente

(1971)

SONHEI HORIZONTES

Sonhei horizontes
vivi entre vírgulas, um hiato.
Andei exclamando paixões
e interrogando amores

(dois pontos)

De repente,
quebrei lanças de solidão
na solidez de teu coração...

(1971)

NOSTALGIA

Medindo o fado hipócrita
despertei minha entorpecida agonia
despojando minh'alma infinita
dos delírios de uma falsa alegria.

Uma revolta incontida desafia
no meu peito um gemido
sonoro, sem lágrimas, que desvia
meu incontido grito endurecido.

Desprezo a cândida falsidade
da ostentação enganosa de teu encanto
acomodado ao fingimento e vaidade.

Melhor correr perigo em pranto
vencer as fantasias e desonestidades
numa mesa , tomando um chope e tanto.

(1972)

DECEPÇÃO

Logrei o êxito de uma paixão
carregando nos ombros, em prantos,
o peso exato da decepção
por não me ter afogado nos teus encantos.

(1972)

REGISTRO

Criamos um momento
de calma e esperança,
quando, sem enganos,
nos olhamos e ganhamos tempo.
Senti a ternura de sua mão
e o destino nosso encontro marcou,
abrindo, docemente, uma página da vida
onde nossas mãos se cruzam
e o amor floresce.

(1972)

CAMINHO DA ESPERANÇA

No simétrico caminho da esperança
meu barco rodeia o espaço
e quando a luz escassa
atrai um tempo frio,
meu sonho se acende,
alheio à própria vida,
e me impele, sem artifícios,
para teus braços.
Minha dor se dilui
e, enquanto teus dedos deslizam
em meus cabelos,
renasce mais uma estrela infinita.

(1973)

CINZAS

Da espiral da catedral
contemplei a praça
profundamente solitária
de gestos, de ritmo
e de loucos coloridos.
Os últimos acordes
ainda estavam no ar
quando o sino anunciou
o fim de mais um carnaval.

(1973)

O VIGIA DO TEMPO

Guido Guerra

A revista “Experimental” revelou-nos um excelente aprendiz de poeta: Sérgio Mattos. E o aprendiz se fez poeta. Confirma-o, agora, seu livro, “Nas Teias do Mundo”, ora editado pela Empresa Gráfica da Bahia. E Sérgio soube aprender, soube amadurecer, crescendo em seu ofício: “o raio / regou / regaço / da / amada / o raio / partiu / pariu / pereceu / de saudades / numa noite de trovoadas”.

Com efeito, uma das características de “Nas Teias do Mundo”, é a secura verbal, uma contensão que não castra a emoção nem sacrifica sua poesia: “rasguei flores, flores da vida / flores da morte” – um lirismo seco, denso, longe de qualquer pieguismo, sobretudo na procura do menino que o poeta foi.

Importante, a par disto, é que, ao registrar seu tempo, Sérgio Mattos não compromete os valores de sua poesia, porquanto não perde a noção do homem e dos valores do homem: “chorei larvas / e comi carvão”. Por outro lado, o poeta não ignora o conflito de sua geração, quando, sem qualquer imediatismo, registra o desencontro: “com ele andei / na noite sem lua / no dia sem paz / e no mundo sem Deus”; Ou ainda: “carregaram-me despido da verdade / e quando o sentido despertou: / sem rastro, nexo ou resto – nasci”.

Ademais, creio que, num dos poemas deste livro, Sérgio Mattos define sua poesia, seus objetivos e seu marcado partidarismo pelo povo: “o poeta é o vigia do tempo”. Neste verso solto, está sua consciência de ofício – não a arte pela arte, mas a arte pelo homem. Realizando-se através do homem, existindo em função do homem, começo, meio e fim,